

E o Brasil virou uma ostra econômica

O Brasil entrou nos anos 90 como uma das economias mais fechadas do mundo. Suas relações comerciais com o resto do mundo já eram muito limitadas em 1980, mas estreitaram-se de modo sensível na última década. Em termos simples isso quer dizer o seguinte: como consumidores e como produtores, os brasileiros deixaram de beneficiar-se de boa parte dos progressos ocorridos ao longo desses anos. Consumiram produtos mais caros e de pior qualidade e trabalharam com tecnologia cada vez mais atrasada, especialmente a partir de meados dos anos 80.

No passado, o valor das importações brasileiras foi 45% menor que o das compras externas de 1980. Para fazer esse cálculo, o Departamento de Comércio Exterior (Decex), subordinado ao Ministério da Economia, ajustou o valor do dólar pela inflação do mundo industrializado. Em 1984, as importações representavam 8,4% da oferta total de bens no mercado brasileiro. Em 1990 essa participação havia recuado para 5,6%. Numa lista de 19 países desenvolvidos e em desenvolvimento, o Brasil aparece em último lugar quan-

do se avalia a absorção de importações. Logo acima do Brasil está a Índia, com uma taxa de 9,1 em 1990. No mesmo período, as exportações brasileiras também recuaram, proporcionalmente, de 8,9% do Produto Interno Bruto (PIB) para 7,2%. No entanto, paradoxalmente, o País foi capaz, mesmo com exportações mediocres, quando se considera o seu potencial de comércio, de produzir alguns dos mais altos superávits do mundo.

Superávits enormes têm sido produzidos, no Brasil, desde que o País teve de se ajustar à crise da dívida externa. Sem acesso a fontes de financiamento, o País foi forçado, durante alguns anos, a cortar importações e aumentar exportações para pagar os juros devidos aos credores internacionais. Mas isso explica apenas parte do problema. Como os governos foram incapazes de atacar os problemas internos, isto é, de arrumar as contas públicas e de abater a inflação, não tiveram condições de reconquistar o crédito no Exterior. Outros países percorreram esse caminho mais rapidamente. A Coréia do Sul obteve os resultados mais rápidos. Depois, na América Latina, houve os

exemplos do Chile e do México. Mais recentemente, a Argentina vem exibindo um desempenho respeitável. No Brasil, a tentativa apenas está começando.

Se tivesse havido, bem antes, um esforço mais sério de arrumação interna, o País poderia ter trabalhado com superávits comerciais menores, aumentando progressivamente as importações. Isso teria ajudado a combater a inflação e, ao mesmo tempo, teria permitido modernização mais sensível da indústria e da agricultura.

Como consequência, as exportações também teriam crescido. O comércio se teria desenvolvido em níveis muito mais altos, mais compatíveis com a potencialidade do Brasil. E os brasileiros estariam, hoje, desfrutando de padrões de consumo mais elevados, enquanto poderiam trabalhar com tecnologia mais moderna. A força dos interesses protecionistas, naturalmente, pesou a favor do fechamento da economia -- e as pressões continuam fortes, agora que o governo anuncia o propósito de apressar a abertura comercial. Se essas pressões prevalecerem, o atraso também prevalecerá.